

*Ocupando as ruas e rompendo o silêncio: o Movimento Estudantil de 1977 através das imagens do fotojornalismo*

Gislene Edwiges de Lacerda<sup>1</sup>

Este trabalho busca analisar a cidade de São Paulo como espaço de mobilização política do movimento estudantil no ano de 1977 através das imagens produzidas por fotógrafos de jornais de grande circulação que, a partir de suas lentes e prismas, captaram formas de ver a cidade como espaço de prática social e onde uma nova cultura política se construía a partir da ocupação das ruas por uma geração de estudantes que atuou como protagonista no processo de transição democrática (1974 – 1985) vivido no Brasil.

O Golpe Civil-Militar, deflagrado em 1964, deu início a um sistema ditatorial que marcou a história brasileira por 21 anos. O aparato repressivo se intensificou a partir de 1968, o “ano que não terminou”, com a promulgação do AI-5 que colocou fim a um intenso processo de mobilização social vivido no país através das manifestações populares que ocuparam as ruas das principais cidades brasileiras. O AI-5 marca o silenciamento das vozes das ruas e a instauração de um tempo de medo, controle e repressão política e social.

1977 rompeu com este silêncio e marcou a retomada das ruas das cidades como espaço de mobilização social. As primeiras ações deste movimento, protagonizado pelos estudantes paulistanos, consistiu na realização de uma passeata no dia 30 de março, com a participação de cerca de cinco mil estudantes que saíram de dentro dos muros da USP e seguiram até o Largo de Pinheiros. A fotografia aérea da manifestação, na **figura 1**, indica para a representatividade deste número nas ruas. Tratava-se de um primeiro ensaio de uma mobilização maior que se desdobraria daquela ação.



**Figura 1: Fotografia da Passeata dos Movimento Estudantil da USP ao Largo de Pinheiros/SP. 30/03/1977. (Acervo Estadão)**

Curta em distância, a passeata era extensa em seu significado, afinal, era a primeira vez, desde 1968, que um movimento social tomava novamente as ruas, mesmo sob vigilância

---

<sup>1</sup>Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) do Instituto de História (IH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Departamento de Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE).



de forte aparato repressivo. Representava a primeira vitória dos estudantes rompendo com o silêncio de anos em que as ruas ficaram vazias da atuação política.



**Figura 2: Fotografia da Passeata do Movimento Estudantil da USP ao Largo de Pinheiros / SP. 30/03/1977. (Site: Memorial da Democracia<sup>2</sup>)**

As imagens de fotojornalismo registram a ousadia estudantil ao reocupar as ruas da cidade em torno da palavra de ordem: “pelas liberdades democráticas”. Esta bandeira direcionou também uma série de outras manifestações estudantis que ocuparam o centro e outros espaços da cidade de São Paulo a partir de maio de 1977.

Compreendemos a cidade como espaço onde se dá a vida cotidiana e como prática social, ou seja, a cidade como um lugar onde acontece e ganha sentido a vida cotidiana em diferentes contextos históricos e sociais. Assim, no caso apresentado, a cidade de São Paulo aparece como espaço de ocupação por diferentes grupos políticos que se encontraram nas ruas em torno de bandeira política, ação que conferia sentido à prática destes grupos de juventude, em diálogo com os movimentos sociais e de esquerda que se reorganizavam naquele momento, compartilhando de uma nova cultura política que trazia de volta a potencialidade da interação de diferentes grupos sociais na cidade em um processo de luta política.

O motivo inicial que levou a essa mobilização era uma causa interna ao movimento estudantil da USP: o aumento do preço do Bandeirão. O DCE da USP havia programado uma manifestação no Largo do Arouche, na região central da capital paulista, em frente à Secretaria de Educação para o dia 30 de março. Contudo, a vigilância policial, sob comando do coronel Erasmo Dias, então secretário estadual de Segurança Pública, ao saber da articulação estudantil, decidiu fechar as saídas de carro da USP, numa tentativa de impedir o deslocamento dos estudantes até o Centro. Os estudantes logo se reuniram em assembleia para discutir suas ações frente à investida policial de repressão ao movimento.

As memórias de ex-militantes desse período destacam a importância da passeata do ME da USP até o Largo de Pinheiros pelo seu significado como uma primeira vitória dos

<sup>2</sup> Disponível em: <http://m.memorialdademocracia.com.br/card/movimento-estudantil/4> Acesso em 27/04/2016



estudantes rompendo com o silêncio de anos em que as ruas ficaram vazias da mobilização social.

Paulo Lotufo, estudante de Medicina e membro do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC) na época, em seu depoimento expõe suas lembranças sobre a passeata:

Em 1977, a gente faz uma passeata, a primeira passeata pós-1968. A passeata sai da reitoria e vai até o Largo de Pinheiros, o que na época foi uma coisa fantástica. Nós saímos daqui, atravessamos a ponte, o Butantã, paramos no Largo de Pinheiros e depois se dissipou. Aquela passeata foi uma sensação, uma levitação. Tínhamos feito alguma coisa [...] Uma grande conquista! [...] A repercussão na imprensa não foi fantástica, mas houve uma repercussão! Quem mais deu repercussão foi a própria polícia, cercaram daqui, cercaram de lá, causaram congestionamento na cidade inteira<sup>3</sup>.

Um dos principais resultados desse primeiro ato, na memória de seus militantes, foi a motivação gerada por ele entre os estudantes, que compreenderam o fato como uma primeira vitória nas ruas desde 1968. As motivações para a realização da passeata foram apresentadas por Laís Abramo, ex-militante do grupo Refazendo, em seu depoimento, bem como sua visão sobre os significados dessa primeira ação do ME de São Paulo em 1977, já sob a direção da Refazendo no DCE Livre da USP:

A gente tinha programado uma manifestação na frente da Secretaria de Educação que ficava no Largo do Arouche em São Paulo. A gente ia fazer a manifestação lá. Aí nosso “querido” coronel Erasmo Dias, da Segurança Pública, fecha a USP para os estudantes não saírem. As saídas de carro. Aí o pessoal resolve fazer uma passeata até o Largo dos Pinheiros. Então, foi a primeira vez que a gente sai da USP com exceção das duas missas, que eram fora da USP, mas eram dentro da Catedral. Então, era a primeira vez de uma passeata desde 1968. Vai até o Largo de Pinheiros, chega lá e foi totalmente improvisada, não tinha megafone, não tinha nada. Mas a gente inaugura uma coisa muito legal que é a leitura conjunta [...]. A gente estava lá, no Largo de Pinheiros, aí já tinha o DCE [...]. Aí o Vinício – todo mundo tinha apelido naquela época, - ele não tinha megafone, então ele faz um discurso, o pessoal senta e repete. Aí volta para universidade, mas foi *superimportante*, primeira vez que a gente sai às ruas<sup>4</sup>.

Júlio Turra, ex-militante da tendência Liberdade e Luta (LIBELU) na USP em 1977, em seu depoimento aponta as para estes significados de retomada da cidade como espaço de mobilização política aproximando estudantes da sociedade.

1977, outro ano marcante porque pela primeira vez nós resolvemos fazer uma passeata fora da USP. (...) Nós saímos da USP, do portão principal, e fomos até o Largo de Pinheiros que é do lado praticamente, talvez não chegue a seis quilômetros, mas foi uma saída da universidade [...]. Tem um significado simbólico. Agora a luta é fora dos muros da universidade. Você imagina a discussão política e

<sup>3</sup> LOTUFO, Paulo. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 21 de outubro de 2014.

<sup>4</sup> ABRAMO, Laís. Entrevista concedida à autora. Brasília, 09 de janeiro de 2015.



ideológica que foi feita sobre isso! Romper os muros da universidade, o contato com a população, potencializar a luta contra a ditadura.<sup>5</sup>

Assim começava 1977, sob o legado de um ensaio marcado pelo medo, mas regido pela motivação juvenil de desafiar os limites da abertura. Na memória dos ex-militantes estudantis, o gesto de sair dos limites do *campus* e ocupar o espaço das ruas da cidade trazia em si um sentido simbólico de que os objetivos da luta estudantil se expandiam para fora da universidade e se aproximavam da população, motivando a sociedade para uma luta que era comum a todos e não apenas dos estudantes. O que estava em jogo inicialmente era a questão do Bandeirão, porém, ao sair do *campus* a luta que se seguiu passou a ser composta por uma pauta comum: derrotar a ditadura. Era possível avançar. E aquela passeata representava um passo que desencadearia muitos outros em direção a esse objetivo.

No mês de abril, dias após a passeata até o Largo de Pinheiros, uma ação do governo intensificou a oposição social ao regime. Tratava-se do Pacote de Abril, uma das medidas utilizadas para manter o controle do governo sobre a política brasileira, em resposta às constantes derrotas da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) nas eleições e do avanço da mobilização social. Geisel implementou esse pacote utilizando como pretexto a Reforma Judiciária que havia sido rejeitada pelo MDB. Por meio do Pacote, Geisel fechou o Congresso Nacional em 1º de abril de 1977, convocou o Conselho de Segurança Nacional (CSN) e assinou a Emenda Constitucional nº 7, que instituía a Reforma do Judiciário. Por meio de tais medidas, o presidente também cassou o mandato de líderes moderados, instituiu a figura do senador biônico, declarando que 1/3 dos senadores da República seriam eleitos de forma indireta. Além disso, redimensionou os coeficientes eleitorais, favorecendo os estados em que a ARENA conservava maioria e garantiu condições para que a sua sucessão fosse tranquila.

Esse cenário foi um dos motivos que levou às manifestações seguintes a ultrapassar, de forma mais efetiva, os limites das demandas estudantis e se aproximar amplamente de outros setores da população.

Em maio de 1977 surgiu um movimento mais extenso em São Paulo e que se irradiou para outros lugares. As jornadas de maio e junho explodiram após a prisão de quatro estudantes, na região do ABC paulista, que panfletavam por ocasião do 1º de maio. No dia 03 de maio, os estudantes paulistas se reuniram em uma assembleia geral na PUC-SP, com participação de cerca de cinco mil estudantes. Nessa assembleia foi criado o Comitê de Anistia Primeiro de Maio e marcada uma concentração no Largo São Francisco, no centro de

---

<sup>5</sup> TURRA, Júlio. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 02 de abril de 2013.



São Paulo, para o dia 05 de maio. O evento teve a presença de aproximadamente dez mil pessoas. Do Largo a passeata seguiu pelo Viaduto do Chá, e tinha por meta chegar à Praça da República.

Vera Paiva, atualmente professora do curso de Psicologia da USP, e ex-militante da tendência Refazendo em 1977, em seu depoimento rememora as lembranças desse episódio:

Fomos e aí tem aquela coisa do Erasmo Dias fechar a gente, que foi uma incompetência logística absoluta. Se a gente tivesse orientado pelo povo da luta armada, a gente jamais teria feito isso, porque você não bota cinco mil pessoas em cima de um viaduto onde você fecha aqui e ali. Militarmente, tudo errado. (...) A gente só queria ir até a Praça da República, não conseguimos chegar lá. A Praça da República era nosso alvo. Fomos parados na frente do teatro, quando a gente estava chegando no Teatro Municipal, vem o Erasmo e fecha tudo e joga bomba. Dois ou três colegas desses grupos mais radicais chegaram a pegar a bomba para jogar de volta. [...] E a gente gritando: “senta, senta!”. Sentou todo mundo, aí se viu a cena. Lemos a carta em voz alta. O povo em volta aplaudindo e lendo junto, porque a gente distribuiu. Então, as pessoas que paravam ali tinha a carta na mão. [...] A gente escreveu para distribuir na rua<sup>6</sup>.

O relato de Vera Paiva sinaliza as divergências internas ao movimento estudantil que se refletiam na compreensão sobre como realizar a manifestação e reagir frente a repressão. A partir deste relato, a tendência Refazendo, como direção do DCE Livre da USP, apresenta-se como uma tendência defensora do caráter pacífico das ações estudantis na busca das “liberdades democráticas”. Além disso, essa memória evidencia uma demarcação das diferentes estratégias utilizadas por aquela nova liderança estudantil nos tempos da transição, que não pensavam “militarmente”, mas buscavam a realização democrática de ações pelas ruas da cidade.

A certa altura da passeata, que ficou conhecida como Passeata do Viaduto do Chá, os estudantes sentaram-se no chão do Viaduto e passaram a ler *Hoje consente quem cala*<sup>7</sup>. A carta aberta à população declarava:

Hoje, consente quem cala: basta às prisões; basta de violência. Não mais aceitamos mortes como as de Wladimir Herzog, Manoel Fiel Filho e Alexandre Vannucchi Leme. Não aceitamos que as autoridades maltratem e mutilam nossos companheiros. Não queremos aleijados heróis como Manuel da Conceição. Hoje, viemos às ruas para exigir a imediata libertação dos nossos companheiros operários – Celso Brambilla, Márcia Basseto Paes, José Maria de Almeida e Ademir Marini – e os estudantes – Fernando Antonio de Oliveira Lopes, Anita Maria Fabri, Cláudio Júlio Gravina – presos sob a alegação de subversão. Hoje, neste país, são considerados subversivos todos aqueles que reivindicam os seus direitos, todos aqueles que não aceitam a exploração econômica, o arrocho salarial, o alto custo de vida, as péssimas condições de vida e trabalho. Todos aqueles que protestam contra as contínuas violências policiais. Subversivos enfim, são considerados os que infringem a Lei de

<sup>6</sup> PAIVA, Vera Silvia Facciolla. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 06 de novembro de 2014.

<sup>7</sup> Publicada na *Folha de São Paulo*, em 06 de maio 1977, p. 21.



Segurança Nacional, instrumento jurídico que justifica a repressão contra os mais legítimos movimentos da população. Hoje, não mais suportamos as correntes. Exigimos das autoridades o respeito às liberdades de manifestação, expressão e organização de todos os setores oprimidos da população. Queremos falar com os que nos oprimem. E entendemos que a melhor maneira de falarmos e de lutarmos contra os que nos oprimem, por meio da exploração econômica, da violência política e da violência policial, é através dos sindicatos e entidades livres de nossas organizações independentes. (...) Porque não mais aceitamos as mordidas é que hoje exigimos a imediata libertação de nossos companheiros presos não pelas alegadas razões de subversão, mas porque lutam pelos interesses da maioria da população explorada: contra a carestia, fim do arrocho salarial, liberdade de organização e expressão para reivindicar os seus direitos. É por isso que conclamamos todos, neste momento, a aderirem a esta manifestação pública sob as mesmas e únicas bandeiras: Fim às torturas, prisões e perseguições políticas; libertação imediata dos companheiros.

A carta aberta à população continha uma síntese dos objetivos daquele movimento, que também gritava as palavras de ordem estampadas nas faixas empunhadas com dizeres sobre a anistia e “pelas liberdades democráticas”, conforme podemos observar nas fotografias da **figura 3** e na **figura 4**.



**Figura 3: Fotografia – Manifestação do Movimento Estudantil no Viaduto do Chá em SP. 05/05/1977. (Site: Memorial da Democracia<sup>8</sup>)**



**Figura 4: Fotografia – Manifestação do Movimento Estudantil no Viaduto do Chá em SP. 05/05/1977. Sérgio Sade / Editora Abril. (Site: Memorial da Democracia<sup>9</sup>)**

A memória sobre o momento da leitura em coro da carta marca a narração dos ex-militantes sobre o episódio. Laís Abramo também comenta o episódio em seu depoimento, enfatizando o conteúdo e a leitura coletiva da carta como forma de protesto e resistência pacífica aos ataques do coronel Erasmo Dias.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://m.memorialdademocracia.com.br/card/movimento-estudantil/4> Acesso em 27/04/2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/soa-o-apito-da-panela-de-pressao> Acesso em 27/04/2016



Basta de prisões, basta de torturas, não mais aceitaremos! É muito boa a carta, e a gente faz a manifestação no Largo São Francisco, cinco, seis mil pessoas e aí a gente sai em passeata, com a inexperiência que a gente tinha, a gente sai em passeata, entra pelo Viaduto do Chá e, quando chega do outro lado, está o Erasmão com os cachorros. Esse foi outro momento de muito risco. Se o cara atacasse, a gente podia cair do Viaduto do Chá. Aí na frente da passeata estava Vinicião, Bundão, Marcelo Garcia e o Massa. E aí os caras tiveram a ideia brilhante – brilhante porque deu certo – de mandar todo mundo sentar no Viaduto do Chá, fazer novamente a leitura da cara aberta<sup>10</sup>.

As imagens do fotojornalismo destacam as expressões da manifestação e o olhar instigado da população ao observar a ação estudantil que saiu do entorno da USP e naquele momento seguia em passeata pelo centro da cidade. Em resposta à ação estudantil, as tropas do coronel Erasmo Dias fecharam os dois lados do viaduto e lançaram bombas de gás lacrimogêneo, com o objetivo de dispersar a manifestação.

A passeata no Viaduto do Chá está registrada em *O apito da panela de pressão*<sup>11</sup>, documentário que circulou por todo o país sendo exibido em sessões pelas universidades, e que se tornou um meio de propagar a luta de rua, impulsionando estudantes de outras localidades a romper com os limites da transição imposta pelos militares. Após este episódio, o movimento estudantil paulista continuou sua ação de ocupação das ruas da cidade, principalmente nos chamados “Dia Nacional de Lutas” (DNL).

Um primeiro DNL em 19 de maio de 1977, reuniu cerca de oito mil pessoas na Faculdade de Medicina, e outras duas mil no Largo São Francisco. Organizaram ainda uma passeata que saiu da Praça do Correio até a Rua da Consolação e manifestações relâmpago responsáveis por iniciar a Jornada Nacional de Luta pela Anistia. Deste modo, as ações da USP se generalizaram pelo país e muitas outras ações foram programadas em São Paulo como representado nas **figuras 5 e 6**.



**Figura 5: Fotografia de manifestação do Movimento Estudantil no centro de São Paulo, em 15/06/1977. Fotógrafo: Marcos Machado. (Acervo Estadão).**



a à autora. Brasília, 09 de janeiro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=DUGZABQ0L5c>>. Acesso em: 05



**Figura 6: Fotografia de manifestação do Movimento Estudantil no Largo de São Francisco, em 11/08/1977. Fotógrafo: Kenji Honda. (Acervo Estadão).**

A fotografia da **Figura 5**, em uma representação ampla da passeata no espaço da rua, indica o movimento dos estudantes em ação protagonista de mobilização social. As imagens indicam também a existência de uma diversidade de visões sobre a luta política a ser desenvolvida naquele momento. Cada tendência estudantil orientava-se por uma diferente perspectiva ideológica e o debate sobre como combater a ditadura, ora unindo-se em torno de bandeiras mais unificadoras, ora destacando suas diferenças no aspecto de luta política. Na fotografia da **figura 6** podemos observar grupos de estudantes que seguiam com perspectiva do enfrentamento direto com a palavra de ordem “abaixo a ditadura” e aqueles que se unificaram em torno da bandeira “pelas liberdades democráticas”.



**Figura 7: Fotografia de manifestação do Dia Nacional de Lutas do Movimento Estudantil no centro de São Paulo, em 23/08/1977. (Acervo Estadão).**



**Figura 8: Fotografia de manifestação do Dia Nacional de Lutas do Movimento Estudantil no centro de São Paulo, em 23/08/1977. (Acervo Estadão).**

As imagens, que registram as manifestações estudantis na perspectiva do fotojornalismo, apresentam o olhar do fotógrafo para o confronto, indicando as disputas de diferentes grupos na cidade, como podemos observar nas **figuras 7 e 8**. Em grande parte os estudantes aparecem em movimento, indicando sua ousadia e expressão política, paralelamente apresentados ao lado da dura ação militar repressiva.



O autor Jorge Souza (2004: 151) indica que os anos 1970 foram marcados por uma grande mudança no fotojornalismo, que passa a se caracterizar pelo jornalismo sensacionalista, pela “espetacularização” e a dramatização de notícias. De acordo com Charles Monteiro e Caio Proença (2016: 192), o trabalho da redação e a atividade do fotógrafo nos anos 1970, viveu um processo de rotinização para atender às exigências do mercado da informação. Para os autores, “o fotógrafo tornou-se uma espécie de ‘funcionário’ da imagem, que tinha um tempo exíguo para ir a campo em busca de uma imagem que atendessem à premência por novidades dos veículos de comunicação” (2016: 192).

O registro fotográfico do confronto atendia à demanda desta nova fase do fotojornalismo nos anos 1970. As fotografias das figuras 7 e 8 indicam para a perspectiva “espetacularização”, sensacionalismo e dramatização da notícia à medida que destacam como elemento central da imagem a ação de violência policial ao dispersar as manifestações.

Esta nova perspectiva de abordagem da imagem na notícia, voltada para o público consumidor dos jornais, teve como papel aproximar a ação estudantil da cidade. A violência da ditadura, antes ocorrida de forma “silenciosa” e mascarada, passou a ser levada para a esfera pública e apresentada frente ao confronto registrado e divulgado em imagens do fotojornalismo que contribuía para a divulgação da existência deste conflito e da ação de repressão, aproximando cada vez mais sujeitos sociais em torno da bandeira das “liberdades democráticas”.

Um dos eventos mais recorrentes nas memórias dos ex-militantes que viveram o ano de 1977 e presente nas imagens do fotojornalismo é a invasão da PUC São Paulo. A instituição sediou o III Encontro Nacional de Estudantes (ENE), que tinha como objetivo reorganizar a União Nacional dos Estudantes, após duas tentativas anteriores que foram reprimidas.

Em 04 de junho de 1977, os universitários tentaram realizar a primeira versão do III ENE, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Havia estudantes de todo o país seguindo em direção à capital mineira. O governador Aureliano Chaves mandou bloquear o acesso a todas as escolas superiores de Belo Horizonte; o reitor da UFMG, além de proibir o evento, decretou recesso letivo e administrativo nos dias 03 e 04 de junho. As tropas policiais impediram o acesso à cidade das caravanas que vinham de outros estados. O Exército cercou o Diretório Acadêmico de Medicina, local em que ocorreria o encontro. Assim, quem estava dentro não podia sair. Os que conseguiram chegar ao local não puderam entrar, e se



aglomeraram em frente ao DA. Em determinado momento, a polícia investiu contra eles. Como resultado, o encontro não foi realizado e mais de 400 pessoas foram presas.

A segunda tentativa de realização do III ENE aconteceu em 21 de setembro de 1977, na USP, contudo, o coronel Erasmo Dias montou um cerco policial ao *campus*, impedindo a realização do encontro. A polícia também cercou o *campus* da PUC-SP e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a fim de impedir a reunião dos estudantes. Uma notícia divulgada entre os estudantes informava que o encontro havia sido transferido para a Faculdade de Medicina da USP, localizada fora da Cidade Universitária.

Paulo Lotufo, ex-militante do movimento estudantil da tendência Caminhando, estudante de Medicina na USP no contexto, em seu depoimento relata a segunda tentativa de realização do III ENE na Faculdade de Medicina:

Eu era, junto com outras tendências, uma das pessoas que faziam a segurança do prédio da Faculdade de Medicina se houvesse alguma coisa. E eu tinha a informação mais do que certa que o encontro não seria na Faculdade de Medicina. [...] Quando eu estou descendo ao Centro Acadêmico e chego lá, maior *zum-zum-zum* “o pessoal está achando que o encontro vai ser aqui!”. Eu olhei, um monte de gente dos outros estados. “O encontro vai ser aqui?”, “gente, o encontro não vai ser aqui, vão embora”. [...] aí a polícia descobre e fecha a frente da faculdade, na Doutor Arnaldo. [...]. A PM pula o muro lá da Faculdade, vai lá e manda todo mundo sair. Vai lá coloca o camburão e leva. [...] Não consegui ser preso! Porque, como eu estava comboiando as pessoas para sair, na hora que eu voltei estava fechado. Eles fecharam. Eu usava avental. Nós arranjávamos avental para os outros, eles pegavam, me davam o avental para mais três, eu pegava o avental, entrava de novo, colocava e saía. Porque quem estivesse olhando dava a impressão de que era movimento só, o avental branco servia de um bom disfarce<sup>12</sup>.

Desta forma, alguns participantes do encontro conseguiram escapar com a ajuda da “comissão de segurança”, que os conduziram por até um túnel que ligava os fundos da faculdade ao outro lado da rua. No entanto, muitos estudantes foram presos e qualquer tentativa de realização do encontro na Faculdade de Medicina ou na USP foi abafada.

Apesar de novo ataque da repressão, a iniciativa frustrada não colocava fim ao objetivo de reconstruir a UNE. No dia seguinte, as tropas de Erasmo Dias já não mais realizavam o cerco às universidades paulistanas. Os estudantes seguiram para a PUC-SP e lá organizaram duas reuniões paralelas: uma menor, em que se concretizava o III ENE dentro de uma sala de aula da PUC, e uma assembleia com maior participação estudantil no salão BETA da PUC, cujo principal objetivo era escamotear o encontro da repressão.

---

<sup>12</sup> LOTUFO, Paulo Andrade. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 21 de outubro de 2014.

Laís Abramo, estudante de Ciências Sociais da USP e ex-militante da Refazendo naquele contexto, era uma das pessoas presentes na sala de aula da PUC. Seu relato sobre as lembranças do episódio encontra-se publicado no site da Fundação Perseu Abramo:

Enquanto alguns dos diretores organizavam uma reunião aberta com os estudantes no Salão Beta da PUC, nós, os que não estávamos alocados a outras tarefas, por exemplo, os sistemas de comunicação e informação, nos reunimos disfarçadamente em uma das salas de aula [...]. Sentados como alunos em uma das salas de aula do segundo andar do Prédio Novo, com um companheiro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul à nossa frente, fingindo-se de professor (para que quem passasse pelos corredores – e eles estavam cheios de “tiras” – pensasse que se tratava simplesmente de uma aula qualquer), rapidamente chegamos a um consenso e rapidamente concretizamos nossas esperanças de avançar na reorganização do nosso movimento, criando a Comissão Pró-UNE. Depois disso – o III ENE em si, realizado nessas circunstâncias, não durou mais de uma hora – saímos apressadamente dali. Havíamos conseguido driblar as forças policiais que nos perseguiram desde junho em Belo Horizonte, a sanha feroz do coronel Erasmo Dias, que, em várias ocasiões, havia esbravejado, declarado, prometido, jurado e reiterado, impedir a realização do III ENE<sup>13</sup>.

Poucas horas depois, o rádio noticiava o sucesso dos estudantes na realização do III ENE na PUC, em que fora aprovada a criação de uma comissão que se responsabilizaria pela organização da reconstrução da UNE, contando com representatividade de vários lugares do país. A direção do movimento determinava que alguns de seus integrantes garantissem o retorno em segurança de delegados de outros estados. Um grande número de estudantes retornou para a PUC naquele dia à noite para o Ato Público, conforme aprovado na assembleia da manhã, marcada por muitos debates e divergências entre as tendências.

O Ato Público aconteceu (conforme aprovado em assembleia) e foi duramente reprimido. O coronel Erasmo Dias, ao saber da realização do III ENE, mandou invadir a PUC. Além de depredar todo o prédio, os policiais reprimiram duramente a ação dos estudantes.



**Figura 9: Fotografia: estudantes levados presos após invasão da PUC / SP. Fotógrafo Antônio Lúcio. 22/09/1977. (Acervo Estadão).**



NE e a invasão da PUC. Disponível em: [www.fundacaoperseuabramo.org.br/da-puc](http://www.fundacaoperseuabramo.org.br/da-puc)>. Acesso em: 04 mar. de 2015.



**Figura 10: Fotografia: destruição das dependências da PUC / SP após invasão policial. Fotógrafo Oswaldo Luiz Palermo. 23/09/1977. (Acervo Estadão).**

As imagens do fotojornalismo deram destaque para a ação violenta de repressão contra os estudantes, e contra a instituição, mostrando em detalhes sua depredação, conforme observamos nas fotografias das **figuras 9 e 10**. Na figura 9, o centro da fotografia é o policial com cassetete conduzindo um grupo de estudantes para a prisão. Em segundo plano, encontramos algumas pessoas em movimento para dentro da PUC, especialmente a figura de um padre que caminha em direção aos policiais, representando que Igreja que também era atacada por aquela ação policial.

A invasão da PUC-SP era um ataque direto ao movimento estudantil mas também era uma forma de atingir a Igreja Católica, em especial dom Paulo Evaristo Arns, que era representante de um dos setores mais progressista da Igreja. O religioso incomodava o regime por denunciar crimes da ditadura e por sua defesa aos direitos humanos. No entanto, esta repressão não foi capaz de impedir o avanço da mobilização de massas que se seguiu a partir desse episódio, particularmente a partir do ano seguinte, com as greves do ABC, nem impossibilitar a refundação da UNE em seu congresso em 1979.

Desta forma, entendemos que 1977 representa o auge da mobilização do movimento estudantil que ocupou as ruas com grandes protestos e manifestações, que desde 1968 não eram vistos na realidade brasileira. No entanto, o ano de 1977 configura-se também o auge da repressão militar contra os estudantes da transição que desenvolveram uma outra forma de resistência pautada na luta de rua. A ocupação da cidade de São Paulo por parte dos estudantes em 1977 aproximou e agregou outros grupos da sociedade civil em torno da bandeira pelas liberdades democráticas, fazendo desta data e desta cidade marcos essenciais para a concretização da transição democrática brasileira. A representação destas ações nas imagens do fotojornalismo tiveram papel significativo neste processo de aproximação da realidade de repressão e violência da ditadura para a população de forma mais ampla, tirando da penumbra as ações repressivas e sinalizando as possibilidades de mobilização social,



despertando assim o retorno ao cenário político de outros sujeitos sociais que foram protagonistas deste processo, como o movimento operário.

40 anos depois, na busca de compreender os significados históricos da atuação desta geração de estudantes em 1977, somos levados a lançar nosso olhar sobre o tempo presente no país e motivados a pensar no papel inspirador que recuperar esta história, vivida há quatro décadas, pode exercer sobre a sociedade atual de forma a motivar a mobilização social e a luta pela defesa da democracia no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto (Orgs.). *Autoritarismo e cultura política*. Rio de Janeiro / Porto Alegre: Editora FGV, ediPUCRS, 2013.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis – Da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

CANCIAN, Renato. *Movimento estudantil e repressão política: o ato público na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977) e o destino de uma geração de estudantes*. São Carlos: EduUFSCar, 2010.

LACERDA, Gislene Edwiges de. *Memórias de Esquerda: O Movimento Estudantil em Juiz de Fora de 1974 a 1985*. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2011.

MAUAD Ana Maria; AZEVEDO, Cecília et al. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar brasileiro nos *campi*. As assessorias de segurança e informações das universidades. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, jan./jun. 2008, p. 30-67.

MÜLLER, Angélica. *A resistência do movimento estudantil brasileiro contra o regime ditatorial e o retorno da UNE à cena pública (1969-1979)*. 2010. 266f. Tese (Doutorado em História Social). – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne. São Paulo / Paris, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura e poder no Brasil contemporâneo*. Curitiba: Juruá, 2006.

PESAVENTO, Sandra. Em Busca de Uma Outra História: Imaginando O Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.



PROENÇA, Caio de Carvalho e MONTEIRO, Charles. O fotojornalismo em revista: o trabalho do fotógrafo e do editor de fotografia em *Veja* (1977). *Revista Maracanan*, PPGH-UERJ, vol. 12, n.14, p. 190-209, jan/jun 2016.

SADER, Emir (Org.). *Movimentos sociais na transição democrática*. São Paulo: Cortez, 1987.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 151. <sup>[L]</sup><sub>[SEP]</sub>